

Revista do SAMBA

• Nº 1



ÁUREA MARTINS

Femenageada da Edição

— O Samba
é Meu Dom
MILTON CUNHA
Entrevista do mês

— Batuque
na cozinha LUÍS
FILIPE DE LIMA
Culinária ancestral

Reflexões,
dicas, história
do samba e
muito mais

REVISTA DO SAMBA é de povo, é de roda, é de bambá!

A Revista do Samba é um blog do Instituto Mpumalanga que apresenta o samba feito na atualidade a partir de vários pontos de vista em quadros de entrevistas, bate-papos, música, curiosidades, depoimentos, culinária e embasamento histórico, reverenciando a ancestralidade das origens africanas passando por seus desdobramentos nas manifestações culturais da nossa sociedade até o samba contemporâneo e seus diversos estilos, apresentado em formato de revista, priorizando o protagonismo das matriarcas.

As edições trazem temas gerais e específicos, a partir da pluralidade que o samba propõe em vários cantos do Brasil, como se comporta hoje e como veio se desenvolvendo ao longo do século. Recheado de música, onde a editora e entrevistadora Renata Jambeiro entrevista e escreve sobre diversos sambistas, pesquisadores, músicos, chefs de cozinha e mestres e mestras de manifestações ancestrais que discorrem sobre pautas atuais que atravessam o samba e sua história.

Aliada à linguagem contemporânea do samba e dos formatos online de entretenimento e informação, a revista em forma de fanzine virtual ressalta a importância da multiculturalidade musical gerada pela diáspora, com a chegada dos

negros no Brasil e suas diversidades culturais, rítmicas e étnicas, além da busca pela ancestralidade representada pela tradição oral, pelos mantenedores da cultura e pela diversidade rítmica que existe dentro do samba, dentro de um viés feminino, reflexivo e divertido.

O Instituto Mpumalanga tem o compromisso de valorizar a educação, a cultura e arte do país e com esta revista tem o intuito de aproximar as novas gerações da importância histórica da Cultura Popular e das Culturas Tradicionais, homenagear mestres e mestras de saberes exaltando as matriarcas, dar espaço a sambistas contemporâneos, compositores e técnicos, registrando memórias e disponibilizando acesso à informação. ●



ÍNDICE

— **05** Carta
do editor

— **06** Perfil

*"Muito prazer, Eu Sou o Samba"- conheça o sambista - com
MARCELO CAFÉ*

— **08** Culinária

"Batuque na cozinha"- receitas ancestrais - com Luís Filipe de Lima

— **13** Curiosidades

— **16** Dica do
Sambista

"Seja Sambista Também"

— **17** Femenageada
da Edição

*Áurea Martins em
"Mulheres do Samba"*

— **22** Entrevista
do mês

*"O samba é meu dom"
traz Milton Cunha*

— **27** Agenda

— **28** Espaço
do Compositor

*"Poder da Criação"- sobre o vda_
podcast- Pretinho e Thiago da
Serrinha*

— **35** Artigo

*"Um samba sobre o infinito"-
processo e construção do Encontro Nacional e Internacional de
Mulheres na Roda de Samba-
por Camille Siston*

— **38** Coluna

*"Aquarela Brasileira"- Samba,
ritmo da resistência- por Nilce-
mar Nogueira*

Sejam bem— vindos



A REVISTA DO SAMBA do povo, de roda, de bamba! Um espaço para encontros potentes sobre esse ícone da nossa cultura popular, mesclando entrevistas, música, dicas, gastronomia, reflexões. Vem com samba no pé e no gogó conhecer um pouco mais da nova geração, reverenciar os ancestrais e valorizar a história e vivência do samba!

A experiência de se dedicar a escrever, entrevistar, curar uma revista é algo que nunca havia experimentado antes. A cada bate-papo, a cada reflexão, novos caminhos foram surgindo, novos abraços, mais

laços. A cultura do samba é inesgotável e se renova a cada dia. Se firma na ancestralidade, encontra impulso nas tradições e voa a novos horizontes com atualização e modernização do samba. E nesse viés, procurei unir uma proposta mais leve de comunicação à um formato mais descontraído, dando espaço às falas reais de cada entrevistado, convidando personalidades do mundo do samba para agregarem seus saberes e olhares, resultando numa revista estilo fanzine, onde vocês podem encontrar um misto de informações, conhecer mais desse universo e do que vem sendo realizado na atualidade.

É pra se divertir, se emocionanar e claro, pra sambar! Pois “quem é de sambar, vem agora”!

“MUITO PRAZER, EU SOU O SAMBA”

Com Marcelo Café

Eu sou Marcelo Café. Sou cantor, compositor e produtor cultural. Com 50 anos sou nascido em Niterói, RJ e fui bem cedo pra Brasília e moro na cidade de Ceilândia, no DF.



Comecei a cantar e tocar aos 7 anos, incentivado pela minha mãe, na igreja onde a gente congregava. Quando fui para a adolescência e idade adulta, saí da igreja e comecei a tocar em banda de rock, o que era muito comum naquela época. Naquele processo, fui me aproximando de outros músicos e bandas, participei de bandas de rock, comecei a cantar na noite, interpretando MPB e samba, e nesse caminho tive uma banda autoral chamada Casa Grande. Tomei gosto em mostrar minhas composições autorais e comecei a me



inscrever em festivais e ganhei um edital para gravação. Assim nasceu meu primeiro álbum autoral - Depois do Samba - e que está disponível no Spotify. Com 12 músicas, uma delas foi campeã do Brasília Independente 2016. A partir daí, as minhas músicas começaram a ficar mais conhecidas. Teste Teste Teste.

Entrei na UnB em 2017 e também ganhei o prêmio deste ano, do FINCA (Festival Independente de Música de Brasília), com a música "A Revolução É Preta". Em 2018, venci como melhor intérprete o Festival da Rádio Nacional. Já em 2019, ganhei o festival Canta, Ceilândia, com a canção "Ceilândia Uber", fazendo uma homenagem à cidade onde moro, Ceilândia.

No desencadear de todo esse processo, segui me colocando à disposição da composição, dos estudos e agora, também da produção. Sou idealizador e produtor de dois

eventos importantes no calendário da cidade: O Baile do Café e o festival Tardezinha do Samba, este que completa 5 anos em 2023, onde convidamos artistas de fora de Brasília, somados aos músicos e artistas da cena brasiliense, e acontece em Ceilândia, onde procuramos promover o samba da cidade, valorizar a cultura afro-brasileira por meio do samba, misturamos o pessoal do Charme pra dançar.

Em 2021, eu gravei meu novo álbum "A Revolução É Preta", com 10 faixas de samba e samba-rock, ressaltando a estética negra, a beleza negra e o empoderamento, onde uma delas nomeia o disco, a que recebeu prêmio e me aproxima ainda mais da pesquisa do samba-rock, do qual estou cada vez mais apaixonado! Me siga nas redes sociais e me procure na internet, onde você vai me ver preto e lindo, cantando!! ●

Conheça Marcelo Café:
@marcelocafe oficial
@tardezhinadosamba
www.marcelocafe.com.br

BATUQUE NA COZINHA

Luis Filipe de Lima



Luís Filipe de Lima é aquele tipo de pessoa que a gente sonha em ter por perto: dono de um talento artístico raro, um humor refinado, uma inteligência afiada, grande contador de causos e, além de tudo, um manda-chuva na cozinha. Sim, batemos um papo leve e descontraído com ele, que nos conta um pouco da sua trajetória artística, dos seus dotes culinários, fala da origem da receita que escolheu pra nos presentear nesta edição e ainda discorre com a fama de ótimo cozinheiro se espalhou pelo Rio de Janeiro e na televisão.

COM VOCÊS, LUÍS FELIPE DE LIMA E SEU VATAPÁ!

Revista do Samba: Luís, poderíamos fazer uma série documental só pra falar das diversas atuações que você brilhantemente desenvolve, mas hoje nosso foco é a comida! Conta pra gente um pouco da sua trajetória artística, como chegou na paixão pela culinária e o porquê de escolher o vatapá como sua receita “carro-chefe”?

Luís Filipe Toco violão de 7 cordas, sou arranjador e produtor musical, pesquisador e estou no samba desde que me entendo por gente, isso já soma mais de meio século. Mas se tem uma coisa que eu gosto muito é comer bem e desde garoto fui chegando na cozinha, junto com minha avó Albertina. Roubava as comidinhas que ela fazia. Fui percebendo que, se eu me oferecesse pra ajudar, quem sabe sempre poderia comer mais um pouquinho ali. Mas também sempre me fascinou aquele ambiente da cozinha, aquela alquimia, os cheiros incríveis. Fui tomando gosto pela coisa e cheguei até a pensar em me tornar um cozinheiro profissional. Nos anos 90

procurei o SENAC mas me disseram que eu só poderia fazer o curso de culinária se eu tivesse com as unhas completamente aparadas, cortadas, por uma questão básica de higiene. Imagina, naquela época eu já era violonista e precisava da unha comprida. Tentei argumentar que deixaria a unha mais limpa que a de um cirurgião, mas não teve jeito: ou cortava ou nada feito. Fiquei com o violão.

Sobre o vatapá, escolhi falar da minha receita porque ficou a mais famosa dos pratos que eu costumo fazer. Muitos amigos me chamam pra cozinhar em aniversários, festas e acabam quase sempre pedindo o vatapá. Faço feijoada, pato no vinho do porto, risoto, rosbife, mas o vatapá é aquele prato que não tem erro, a gente serve e o povo já abre aquele sorriso. Eu fui criado no Candomblé e aprendi a fazer com a minha família de santo o caruru, o xinxin, acarajé, abará, acaçá de leite, mas o vatapá foi virando uma comida de festa e passei a fazer em casa. Dentro da minha tradição religiosa o vatapá não é uma comida de Santo, não se oferece ao Orixá, embora o vatapá em algumas casas de santo tenha

"Fui pesquisar sobre o vatapá e virei praticamente um vatapólogo. Existem vários tipos de vatapá, como o baiano, que é o mais conhecido, mas também tem o paraense, bastante prestigiado, feito na região Norte toda, no Amazonas, no Amapá, Rondônia..."

presença obrigatória na mesa em algumas datas específicas.

RS: Conhece um pouco da origem da receita?

LF: Fui pesquisar sobre o vatapá e virei praticamente um vatapólogo. Existem vários tipos de vatapá, como o baiano, que é o mais conhecido, mas também tem o paraense, bastante prestigiado, feito na região Norte toda, no Amazonas, no Amapá, Rondônia...O vatapá é um mingau espesso, salgado que é temperado com camarão seco, defumado e pode ser engrossado com pão ou farinha de trigo, de arroz, de rosa ou

até de mandioca. Existe o vatapá "simples" que é feito pra acompanhar por exemplo, a moqueca ou como recheio de acarajé e o abará. Tem o vatapá servido como prato principal e que pode levar dentro dele, lascas de peixe, camarão fresco, bacalhau. Além de todos esses, ainda existe o vatapá de galinha, que é menos conhecido, que é feito com a galinha escaldada e desfiada.

A origem do vatapá é africana mas o prato se transformou no Brasil, ganhando ingredientes tipicamente brasileiros como a castanha de cajú, o amendoim (que é das Américas) e o vatapá engrossado com pão, que é bastante nobre entre os baianos, é, provavelmente, uma releitura da açordas portuguesas, já que o pão não está no repertório da cozinha tradicional africana, Yorubá ou Bantu. Por outro lado, os vatapá do Norte do Brasil podem sofrer influência dos mingaus de origem indígena e são feitos à base de farinha de mandioca, como o caribé. Daí a gente vê que o vatapá é uma comida brasileiríssima. Tem ingredientes e técnicas de preparo que vêm de matrizes diversas.

RS: Existe alguma história que gostaria de contar, estrelando o vatapá?

LF: Esse vatapá tem algumas histórias e uma delas é que já foi parar na televisão. Uma vez eu fui chamado pra cozinhar em um daqueles programas do Claude Troisgros e mostrar a receita pra depois ele re-interpretar e fazer lá do jeito dele. O Claude foi muito simpático comigo, quando eu fiz ele elogiou bastante o prato e no final da gravação ele levou um pote bem grande pra casa dele. Quando o pessoal da equipe percebeu isso, veio falar comigo bem espantado. Eles disseram que pela primeira vez em anos de programa de televisão que o Claude levava pra casa dele feita por um convidado. Depois ele acabou virando mes-

mo um amigo muito querido. Claude adora samba, frequenta mesmo algumas rodas de samba no Rio e de vez em quando faz umas festas na casa dele com muita gente do samba. Moacyr Luz está sempre por lá, Mosquito, Roberta Sá, muita gente.

RS: Vatapá famoso, esse! Agora conta quais são os ingredientes.

LF: Receita de vatapá que serve 12 pessoas. É uma comida de festa mas mesmo se não for consumir tudo, pode conservar no freezer por meses.

— 6 cebolas grandes (ou 8 médias)

— 200ml azeite de oliva

— 300g de farinha de camarão seco (eu prefiro o defumado baiano ou camarão seco salgado)

**dica do chef: tira a cabeça do camarão, aquele ferrão e coloco no processador até virar uma farinha fina*

— 1 lata de tomate pelati de 400g (pode usar o natural também, apenas prefiro o pelati por conta do sabor)

— 1 mão pequena de gengibre (80g)

— 250g de amendoim torrado sem pele

— 250g de castanha-de-cajú torrada

— 2 nozes-moscadas raladas

— pão francês (ou cacetinho, pão de sal, etc) para engrossar o vatapá

— 300ml azeite de dendê

**dica do chef: quanto mais novo, melhor. Olhe a validade*

"Essa receita leva bastante camarão seco, portanto não uso outro tipo de camarão, mas é possível sim, incluir camarão, peixe, bacalhau e outros pra enriquecer o vatapá. No caso, incorpore antes do azeite de dendê."

— 200ml de leite-de-côco integral

— Sal a gosto

**dica do chef: vá com calma: o camarão seco, o amendoim e a castanha já possuem sal.*

— 1 colher de sopa de molho de pimenta dedo-de-moça

RS: E o modo de fazer? Aquele pulo do gato que todo mundo quer saber?

LF: 1.Primeiro passo é preparar a cebola. Pique bem pequenina e leve ao fogo muito baixo para confitar no azeite de oliva com a panela tampada em fogo baixíssimo por aproximadamente 1h30 a 2h, até o ponto da cebola estar bem caramelizada, bem marronzinha.

2. Acrescente a farinha de camarão e deixe refogando por 5 min em fogo médio.

3. Enquanto isso, processe o tomate pelati junto com o gengibre. Passe pela peneira e reserve.

4. Acrescenta o tomate pelati e reduza por mais 5 minutos sem parar de mexer.

5. Processe a castanha e o amendoim com um mínimo de água possível para formar o creme denso, liso, bem homogêneo. Em seguida, junte ao preparo e deixe cozinhando por 15 min, mexendo sempre.

6. Coloque o pão de molho por 5 minutos em um pouco de água e também no leite-de-côco. Processe no liquidificador com o mínimo de líquido possível.

7. Incorpore o pão processado, na panela, segue mexendo.

8. Tempere o preparo com noz-moscada. e com o molho de pimenta.

9. No final, acrescente o azeite de dendê, mexendo sempre.

**dica do chef: nessa receita, o que dá o ponto no final é o azeite de dendê.*

Perceba que o vatapá está se desprendendo do fundo e das laterais da panela, formando um mingau grosso no ponto de comer com garfo.

Confira o sal, sirva e “seremos felizes!”

OBS: essa receita leva bastante camarão seco, portanto não uso outro tipo de camarão, mas é possível sim, incluir camarão, peixe, bacalhau e outros pra enriquecer o vatapá. No caso, incorpore antes do azeite de dendê.

Para acompanhar: Arroz de côco

— 500g de arroz japonês

— 400ml de leite de côco integral

— Sal a gosto

1. Cozinhe o arroz na água e sal (cada marca desse tipo de arroz tem um tempo próprio, é só seguir as instruções do pacote)

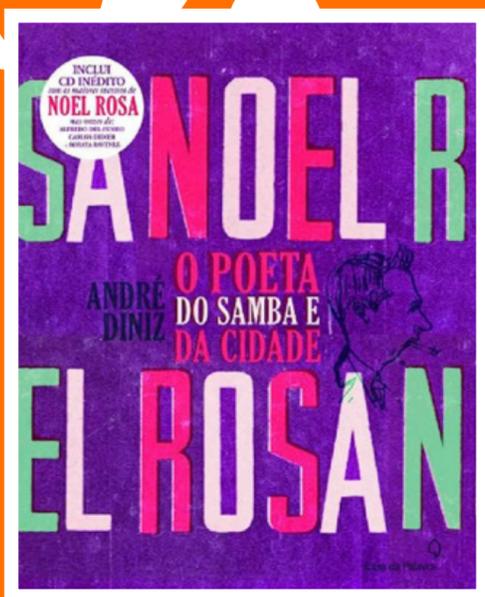
2. Ao ficar pronto, desligue o fogo e acrescente o leite de côco, tampe a panela e aguarde 10 minutos.

Apresenta-se um arroz mais glutinoso, molhado, elástico. Coloque em uma fôrma de pudim e desenforme na hora de servir. ●

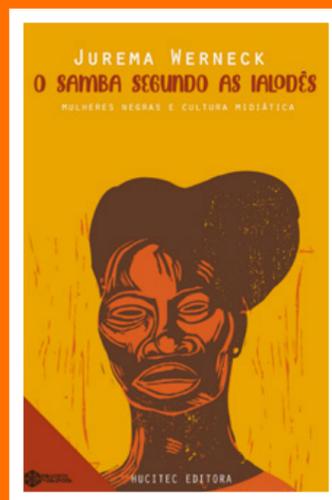
***Luís Felipe de Lima é violonista, arranjador, compositor e produtor musical. É também jornalista, pesquisador e escritor, doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Idealizador e diretor de diversas séries de shows, vencedor do Prêmio da Música Brasileira 2017, grava, produz e dirige a nata do samba e desde 2007 é jurado do Estandarte de Ouro. É envolvido com o samba desde muito jovem e seu livro mais recente “Para Ouvir o Samba - Um Século de Sons e Ideias”, editora Funarte, onde a ideia básica é explicar ao público leigo a diferença entre mais de 25 estilos de samba é leitura essencial e obrigatória!**

CURIOSIDADES

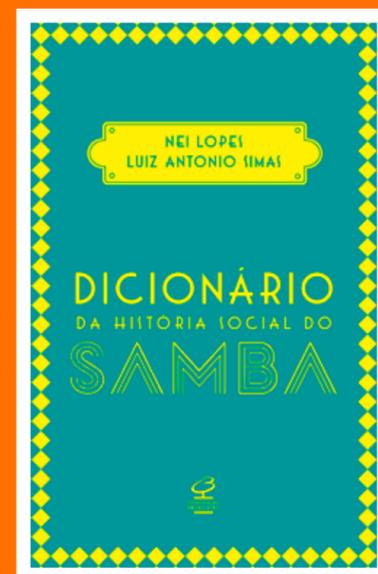
6 Livros sobre
samba que você
precisa ler



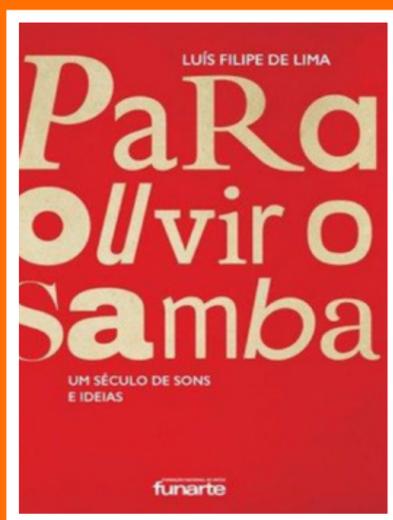
Noel Rosa- O Poeta do Samba e da Cidade (André Diniz, 2010)



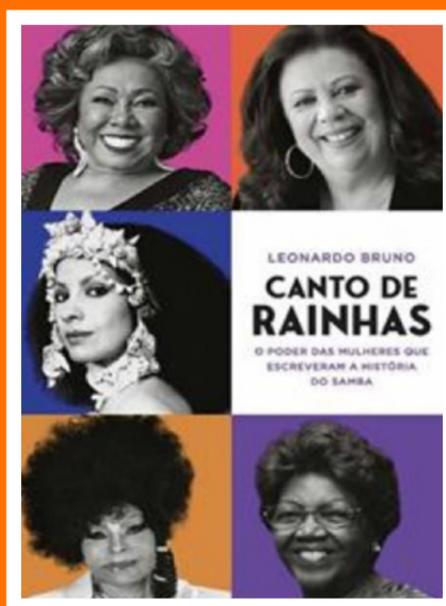
O Samba Segundo as Yalodês- Mulheres Negras e Cultura Midiática (Jurema Werneck)



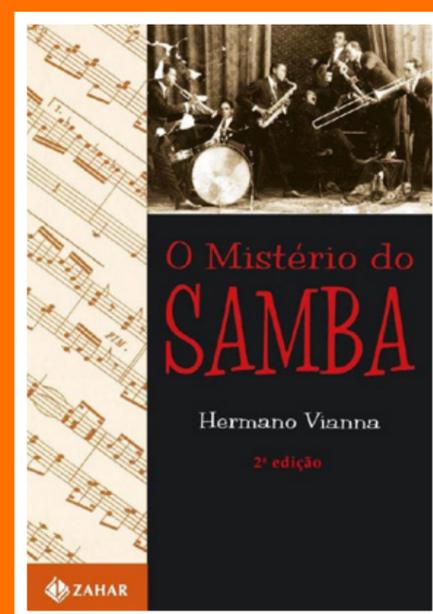
Dicionário da História Social do samba (Nei Lopes)



Para Ouvir o Samba - Um Século de Sons e Ideias (Luís Filipe de Lima)



Canto de Rainhas (Leonardo Bruno)



O Mistério do Samba (Hermano Vianna)

7

Compositoras da atualidade



MANU DA CUÍCA
@manudacuica



ROBERTA NISTRA
@robertanistraoficial



MARINA IRIS
@marina_iris



KARYNA SPINNELI
@harynnaspinelli



ANA COSTA
@anacostaoficial



FLÁVIA SAOLLI
@flaviasaollioficial



LIVIA BARROS
@donadaruaoficial

5 grupos de samba femininos: que você precisa conhecer



DONA DA RUA-SP
@donadaruaoficial



SAMBA DE DANDARA-SP
@sambadedandara



MOÇAS DO SAMBA-AC
@mocasdosamba

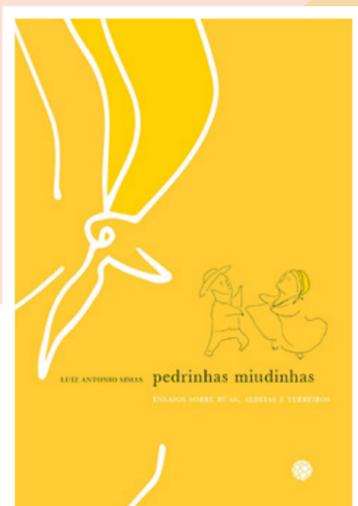


ELAS QUE TOQUEM - DF
@elasquetoque



MOÇA PROSA-RJ
@mocaprosasamba

DICAS

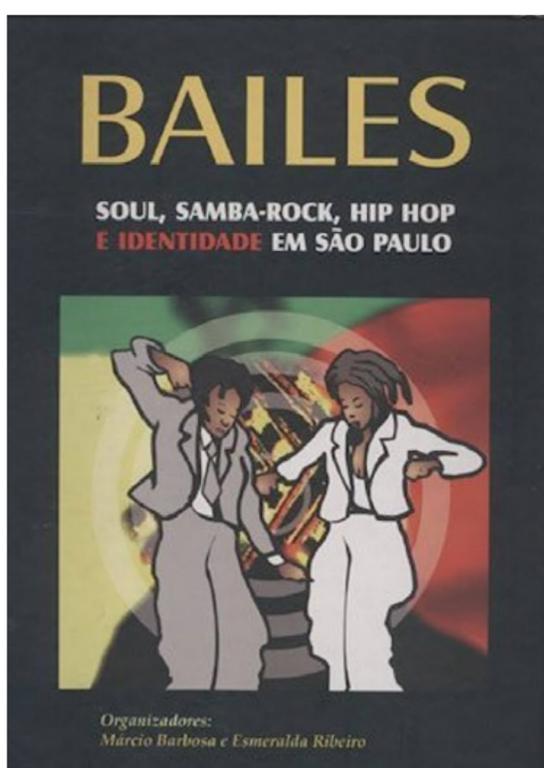


Livro “Pedrinhas Miudinhas”, Luis Antônio Simas



Livro “O Corpo Encantado das Ruas”, Luis Antônio Simas

“São dois livros muito singelos, de muita ancestralidade. O “Pedrinhas Miudinhas” fala dos mitos e criação de algumas entidades da Umbanda. Já “O Corpo Encantado das Ruas” traz o encantamentos das ruas com muita personalidade. Fala também sobre a magia dos bares, de como gosta de estar nos bares do Rio e de encontrar os amigos. Fala da fundação do bairro de Madureira. Livros de muito axé e ancestralidade, muito inspiradores ‘pra quem gosta de samba”.



BAILE- Soul, Samba, Rock, Samba-Rock e identidade em São Paulo-

“Ainda não li, mas já me preparo pra degustar essa maravilha que fala sobre grupos de samba, de samba-rock, DJ, história e registro de personalidades fundamentais para o desenvolvimento dessa cultura em SP. “

● FEMENAGEADA DA EDIÇÃO

Mulheres do Samba"- perfil e depoimentos de mulheres que fizeram e seguem fazendo a diferença no mundo do samba

A close-up portrait of Áurea Martins, a Black woman with short dark hair, smiling warmly. She is wearing a multi-strand necklace of green beads and large green earrings. The background is a soft, neutral tone.

ÁUREA MARTINS

Aurea Martins (nome artístico de Áldima Pereira dos Santos) é nascida no bairro de Campo Grande, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro e é pertencente a uma família de artistas musicais: pais, avós, tios, todos envolvidos com a música, cantando ou tocando diversos instrumentos como violão, banjo, clarinete e saxofone. Iniciou sua arte e seu contato com o público cantando no coral da Igreja Nossa Senhora do Desterro.

Um ponto de virada na trajetória dessa grande dama da voz foi atuar em programas de auditório da Rádio Nacional, na década de 1960, onde recebeu de Paulo Gracindo seu nome artístico e em 1969, venceu na TV o concurso “A Grande Chance”, de Flávio Cavalcanti. Seu primeiro LP “O Amor Em Paz” foi bancado por esse prêmio e lançado em 1972. Atuou no circuito boêmio carioca por longos anos e se tornou muito respeitada e querida pelos colegas e músicos de sua geração. Com o

Áurea Martins em novo álbum vem sendo abraçada e reverenciada pela nova geração de artistas que a tem como uma escola.

disco “Até Sangrar”, de 2008, ganhou destaque novamente, sendo abraçada e reverenciada pela nova geração de artistas que a tem como uma escola.

Premiada como melhor cantora no Prêmio da Música Brasileira em 2009, concorreu com as colegas Marisa Monte e Rosa Passos. Em 2012, lançou seu primeiro DVD com o registro de um show em estúdio. Participa de inúmeros álbuns de artistas diversos da música brasileira, acumula 9 discos, sendo “Senhora das Folhas o trabalho mais recente, dirigido e produzido por Lui Coimbra e Renata Greco e considerado um dos melhores de 2022.

Com trajetória robusta e referência para as novas gerações, Áurea é figura querida e reverenciada por jovens artistas e compositores. A Revista do Samba conversa brevemente com essa grande artista:

"...O novo é fascinante e essas duas canções "Rezadeira" e "Me Curar de Mim" se destacam em meio a tanta beleza. Isso é promissor, um sinal de que a cultura brasileira não parou, continua aí com os jovens talentos"

REVISTA DO SAMBA: Dona Áurea, no ambiente dos anos 60 onde a senhora foi crooner de bares icônicos do Rio de Janeiro, o nome Áurea veio a partir de outro grande artista: Paulo Gracindo. Era comum artistas ficarem famosos com nomes artísticos. Como aconteceu?

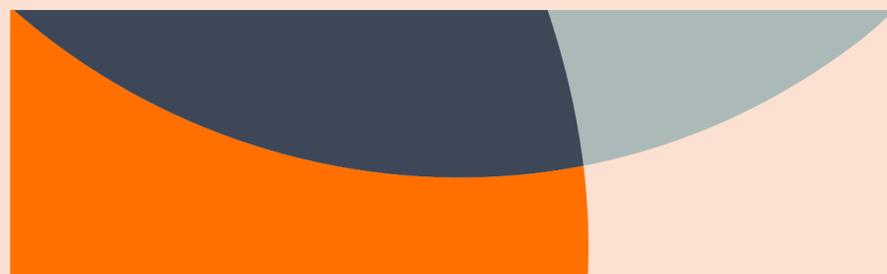
ÁUREA MARTINS: Era comum sim. Marlene, Ângela Maria e outras ficaram famosas com nomes artísticos.

Victória Bonaiutti de Martino (Marlene), Abelim Maria da Cunha (Ângela Maria)... eu não sou tão famosa quanto elas mas convivo com Áurea Martins há anos, pois meu nome é Áldima.

Áurea foi nome dado por Paulo Gracindo (meu padrinho musical) e Mário Lago quando participei na Rádio Nacional no programa Tribunal de Calouros.

RS: A senhora lançou recentemente um belíssimo disco, o "Senhora das folhas", que figura como um dos

melhores de 2022. Como foi a experiência de trazer à tona canções profundas de compositores jovens como Projota e Flaira Ferro no disco?



AM: O novo sempre me encantou. Essa produção e roteiro foram dados a mim pela grande mentora desse projeto que adoro, a Renata Grecco.

Dentre tantos compositores importantes desse projeto, como Arlindo Cruz, Roque Ferreira e Paulo César Pinheiro, ter a nova geração fazendo junto com todos que estão ali, como Socorro Lira, Camila Costa, Marlui Miranda, um projeto como este tem muitos a quem agradecer. Enfim, o novo é fascinante e essas duas canções "Rezadeira" e "Me Curar de Mim" se destacam em meio a tanta beleza. Isso é promissor, um sinal de que a cultura brasileira não parou, continua aí com os jovens talentos.

RS: Durante a pandemia a senhora completou 80 anos e lançou o projeto "80 Homenagens Áureas" - onde diversos artistas foram convidados a cantar alguma canção que tivesse algo conectado com a vida e obra da senhora, em formato online. Mais uma vez, se adaptando à modernidade, mais atual do que nunca! Alguma história pra contar desse processo?



AM: Esse projeto é um dos marcos na minha trajetória.

Criado pelo meu amigo Paulo Cunha, onde a homenageada não foi só eu, Áurea Martins, mas a música brasileira e todos os artistas e músicos que participaram, que ficaram conhecidos do público que acompanhou o projeto, artistas de todos os cantos do Brasil, muitos morando no exterior que eram desconhecidos, muitas das vezes até por mim.

Foi uma grande pesquisa feita sem o auxílio da mídia... e está lá, tudo registrado no meu canal do Youtube 'prá conhecimento das novas gerações e de qualquer pessoa ou artista que queira assistir.

estão todas as homenagens lá.

Sou muito grata ao Paulo Cunha e seus colaboradores por essa grande homenagem.

Me sinto privilegiada.

RS: Aos 83 anos segue cantando, gravando, produzindo. Como é seu dia-a-dia e o que daria de dica para os artistas mais jovens?

AM: 83 anos é uma idade, rsrs...! Mas sou muito disciplinada e atenta, não só à minha trajetória, mas à trajetória dos meus colegas. Isso nos preenche, ensina, aprendo todos os dias com cada um dos colegas. Sou muito ligada no trabalho de todos. Faço texto, elogio, dou destaque. Isso tudo ajuda a cultura musical brasileira: não ficar dentro de uma bolha.

O conselho que dou aos jovens?

Se cuidem! Cuidem da saúde vocal e em todos os aspectos, cuidem da cabeça.

E enquanto houver capacidade de criação, não parem.

Sempre respeitando o ontem e o hoje. E entregar a Deus, agradecer cada conquista.

RS: Gravando novo disco? O que vem por aí?

Muitas participações em álbuns de colegas, muitas mesmo!

AM: Colegas como Roberta Sá, João Senise, álbum póstumo do Wilson das Neves, Mauro Marcondes, Gabi Buarque, breve no da Verônica Ferriani...

Discos como "Até Sangrar", "Iluminante", "Olhando o Céu, Viu Uma Estrela" e "Senhora das Folhas" trazem releituras de clássicos da música brasileira e se unem a inéditas de jovens compositores

São mais de 30 participações, graças a Deus, fora o que tenho aqui como raridade, gravados ao vivo em bares que trabalhei, com músicos maravilhosos. A honra de ter participado em um dos últimos trabalhos da Sueli Costa, produzido pela sobrinha dela a cantora Fernanda Cunha ao vivo no centro de referência da música, um novo álbum meu com João Senise com arranjos do Peranzetta (Gilson Peranzetta - pianista) 'prá sair no fim do ano. Esse trabalho chega com o repertório de Tom e Sinatra. E vou terminar meu álbum com Cristóvão Bastos, um sonho nosso, pois somos amigos-irmãos de muitos anos.

RS: A Revista do Samba agradece sua participação como homenageada dessa primeira edição. ●

@aureamartins
Youtube: canal Áurea Martins
Ouçá o álbum "Senhora das Folhas" em todas as plataformas digitais

MILTON CUNHA



De carnaval em carnaval se constrói um legado: A experiência de curadoria e formação no carnaval fora de época de Brasília 2023





Brasília, pra quem não sabe, já foi o terceiro pólo de carnaval de escolas de samba do Brasil, ficando atrás apenas das gigantes Rio de Janeiro e São Paulo. Há muita história e legado construído ao longo dos 60 anos dessa cidade tão jovem, porém tão enérgica quando se fala de arte e cultura. Cidade que carrega em si a multiplicidade do Brasil possui uma tradição no carnaval, trouxe o modo de fazer que havia na antiga capital, o Rio de Janeiro e importa diversos artistas e sambistas para o Brasil e o mundo.

Há 09 anos, entretanto, os foliões se deparam com uma situação muito triste e depreciativa para o cenário dos desfiles: o impedimento dos desfiles por diversos motivos como retração no investimento para o carnaval, falta de políticas públicas para o desenvolvimento e manutenção das escolas, apagamento da cultura do desfile na passarela do samba e investimentos no carnaval de rua em detrimento ao carnaval

"Ajudei na concepção das 12 disciplinas (...) e fiz um currículo com o que acreditava relevante. Ver essa movimentação foi muito especial. (...) As aulas encerraram em março de 2023 e o carnaval saiu depois, agora em pleno Junho. Mas o importante é que saiu e saiu belíssimo!"

da avenida, por exemplo. Diante esse cenário árido, Sol Montes, funcionária da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, se empenhou em reerguer o carnaval e mobilizou as presidências e comunidades das escolas em diversas formações e capacitações com o objetivo (alcançado) de fazer as escolas voltarem a desfilar. De um longo processo de trabalho com as agremiações ao tempo recorde de construção do Sambódromo Marcelo Sena (homenagem ao grande sambista de Brasília, falecido em Janeiro deste ano), muito se avançou. Para tanto, convidou o carnavalesco Milton Cunha para a missão de fazer a curadoria e formações.

Milton Cunha, um dos grandes carnavalescos que temos na atualidade é o entrevistado do mês da Revista do samba nesta



"A condução do júri foi corretíssima, o comportamento, a lisura, a fiscalização, deu tudo certo. (...) Uma luta clara: saber perder. O desafio de saber perder é grande"

edição e nos conta os desafios, alegrias e dificuldades enfrentadas nesse momento de retomada dos desfiles das escolas de samba e grêmios recreativos de Brasília e Distrito Federal.

REVISTA DO SAMBA: Carnaval fora de época em Brasília. Que desafio! Como chegou o convite pra atuar na consultoria às escolas de samba e como desenvolveu esse trabalho?

MILTON CUNHA: Era projeto do governo Ibaneis com a Secretaria de Cultura prestigiar as comunidades de escola de samba, então o Secretário Bartolomeu escolheu a Sol Montes, de Difusão e Direitos Diversos para capitanear. Ela escreveu um projeto chamado “Escola de Carnaval 2021” e me chamou pra ser o curador. Ajudei na concepção das 12 disciplinas (como escrever um enredo, como fazer um croqui, dança de mestre-sala e porta-bandeira, como se compor um samba-enredo, projeto de alegoria 3D, dança de comissão de frente, dança de ala coreografada, maquiagem para desfiles e shows...) e fiz um currículo com o que acreditava relevante. Começaram as aulas e me lembro que em Janeiro de 2022, na aula inaugural, os presidentes reclamavam que havia 9 anos que

não saíam e que esse ano não sairiam de novo e eu dizia a eles a à Sol: parem de ficar agarrados ao passado. Eu vi a luta da Sol dentro desse meio misógino, eles nem a chamavam pelo nome. A chamavam de “essa mulher” e diziam “...ela pensa que vai conseguir” e ela conseguiu. Junto com Ibaneis, Celina Leão, Bartolomeu Dias, ela conseguiu. O secretário-adjunto assinou os editais e então pudemos começar.

O desafio era controlado e ótimo porque pude ter tempo e verba para contratar as maiores estrelas do carnaval brasileiro para ministrarem as aulas. Convidei destaques de cada segmento, por exemplo: Selminha Sorriso e Claudinho para mestre-sala e porta-bandeira. Alemão do Cavaco e Diego Nicolau para composição, por exemplo. Fui fazendo um time de estrelas para as aulas. Vinte e quatro artistas para as aulas de carnavalesco- oito blocos tradicionais e dezesseis escolas de samba. Nas aulas de dança eram quase 100 alunos e havia a descentralização: os melhores for-

"A construção de um sambódromo tão bom impactou a todos de forma positiva, um sonho lindo. Era uma plateia divina. No próximo carnaval isso vai ser concorridíssimo!"

mados no Eixo Cultural Íbero- Americano iam para as comunidades para dar aulas. Ver essa movimentação foi muito especial. As aulas encerraram em março de 2023 e o carnaval saiu depois, agora em pleno Junho. Mas o importante é que saiu e saiu belíssimo!

RS: Em um espaço longo de tempo para trabalhar com as escolas, qual o cenário que encontrou quando começou? Algo te impactou?

MC: Primeiro eu achei que as escolas estavam desarticuladas e com o passar das disciplinas as escolas foram precisando convidar passistas, comissão de frente, mesmo que não fossem desfilar, era obrigatório. Começa desarticulado e ao longo do tempo os grupos foram se alinhando, engrossando o caldo. A maioria dos casais de mestre-sala e porta-bandeira é de Brasília, só 2 ou 3 convidados. Da desilusão e da descrença à confiança. Começaram desmembrados enquanto agremiação e foram se organizando. A partir de agora só vai melhorar porque seguirão nessa organização.



RS: Brasília já foi o 3º pólo de Escola de Sambas no Brasil, ficando atrás apenas das potências Rio de Janeiro e São Paulo. Após uma lacuna de 9 anos sem desfiles na passarela do samba, qual foi o maior desafio pra você e pras escolas?

MC: As escolas não tem barracão, só Aruc e Asa Norte. 11 sem e 2 com. O maior desafio é conseguir lugar emprestado pra fazer figurino e alegoria. Acho que a batalha agora é as escolas conseguirem terrenos, prédios. Como eu visito as 13 e filmo, vejo o quanto há por perto locais que poderiam ser aproveitados. Outra luta clara: saber perder. Você protesta porque achou uma nota injusta mas você perde na elegância. Você bate a foto com os 3 primeiros lugares com o troféu e isso achei que faltou no grupo de acesso. No grupo especial já foi diferente, achei eles bem conscientes do papel de liga, enquanto conjunto que vai entrar na avenida no ano que vem. A condução do júri foi corretíssima, o com-

portamento, a lisura, a fiscalização, deu tudo certo. Assim como deu certo não dá, somente porque perdeu, lançar sombra sobre o resultado, não pode. Porque compromete. Ou você prova ou você aceita, ainda que discordando, mas não parte para uma deselegância. O desafio de perder é grande. Quando as escolas se reestruturaram rapidamente, a construção de um sambódromo tão bom impactou a todos de forma positiva, um sonho lindo. Era uma plateia divina. No próximo carnaval isso vai ser concorridíssimo!

RS: O resultado na passarela foi emocionante. Qual a perspectiva de melhorias você apontaria e qual a expectativa para o carnaval 2024?

MC: Depois de anos sem desfilar, sair perfeito do jeito que foi, dá um orgulho e um empoderamento para as agremiações. Porque agora elas têm fotos, filmes delas e vão olhar o que precisam melhorar, se a bateria atravessou, se o samba não funcionou, se as alegorias foram menos...agora o avião decolou e vai chegar no céu de brigadeiro. Vão melhorar cada vez mais a sua organização e desempenho. As esperanças de momentos melhores estão concretas. Não são mais sonhos, as perspectivas são reais. Teve visibilidade nacional. O site Carnavalesco (e outros grandes sites) deu um respaldo enorme. Agora é Brasília rumo a fazer parte do calendário, das viagens e das aventuras dos sambistas brasileiros. ●

Milton Cunha é carnavalesco, cenógrafo e comentarista de carnaval, tendo trabalhado com emissoras como Rede Globo, Band, TVE e CNT. É diretor artístico dos espetáculos da Cidade do Samba. Graduado em psicologia, é doutor e mestre em Letras pela UFRJ.

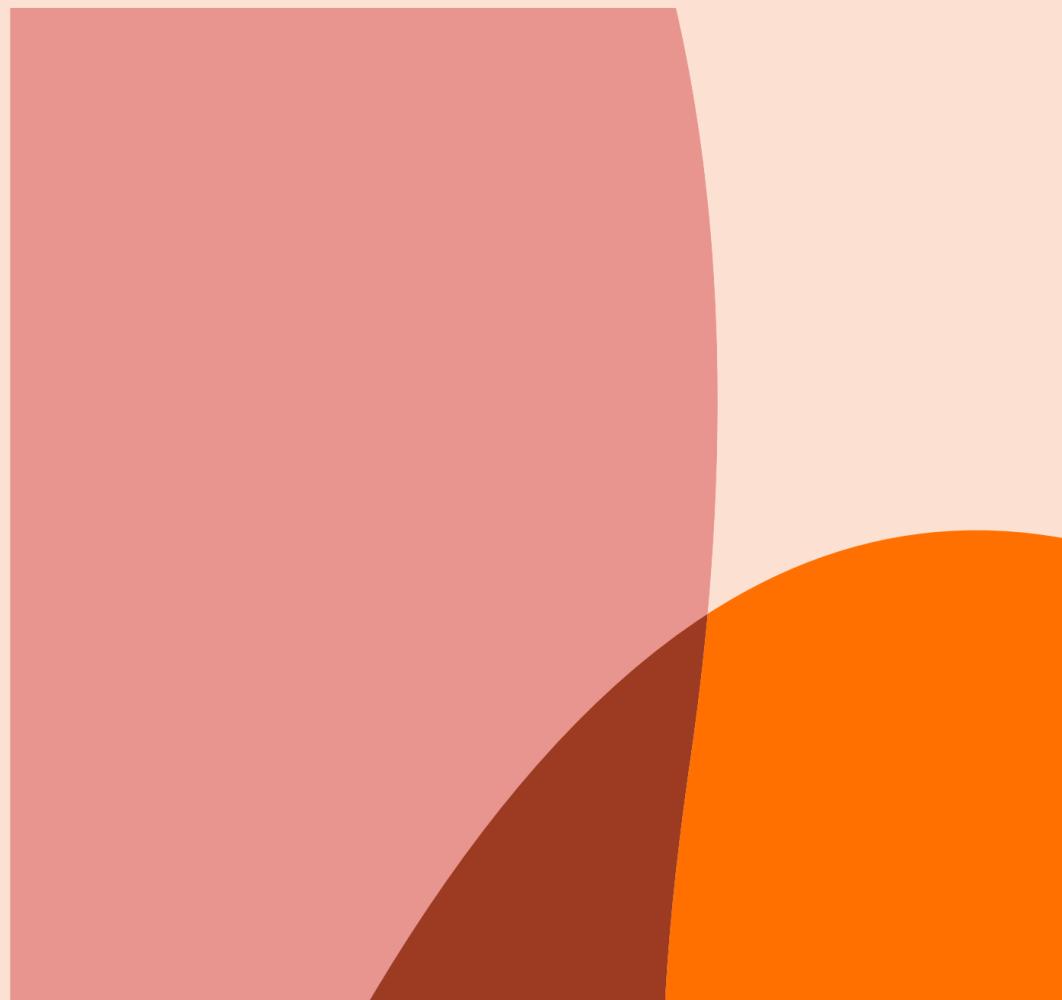
ESPAÇO DO COMPO- SITOR

*Um bate-papo
com Pretinho
e Thiago da
Serrinha sobre o
podcast Versão
do Autor*

A Revista do Samba traz nessa edição um pouco sobre a realização de um sonho sonhado em dupla. Os queridos músicos e compositores Pretinho e Thiago da Serrinha apresentam o podcast Versão do Autor- VDA podcast no canal do YT, que segue em breve para as plataformas digitais de música.

Dois artistas de peso, com histórias similares que vieram do Morro da Serrinha, celeiro de sambistas, compositores e berço do Jongo, da escola de samba Império Serrano e da história do Rio de Janeiro, Pretinho e Thiago, apesar de gerações diferentes, cresceram em meio às escolas mirins, projetos sociais que desenvolviam música e às panelas de macarrão da famosa e amada Tia Ira, que era como uma grande mãe de todos.

Dois artistas de peso, com histórias similares que vieram do Morro da Serrinha, celeiro de sambistas, cresceram em meio às escolas mirins e às panelas de macarrão da famosa e amada Tia Ira



Hoje desenvolvem projetos com os maiores artistas do país, produzindo, dirigindo, acompanhando em turnês e ainda sobre espaço pra falar de composição no podcast.

RS: Como começou a parceria entre vocês?

PRETINHO: A parceria com Thiaguinho começou muito cedo, Thiaguinho é muito mais novo do que eu e eu dava aula pras crianças na Império do Futuro, no morro da Serrinha- escola mirim. Foi um dos primeiros contatos (senão o primeiro!) do Thiaguinho com um instrumento. Ele ficou olhando...e eu chamei e ele pegou um repique de mão e ficou ali e começou a se envolver com o projeto. Quando eu reencontrei o Thiaguinho, ele já estava tocando como músico profissional. Tocando percussão, cavaquinho, violão e toda vez que eu precisava de um sub, eu mandava ele. Eu precisava de alguém que me substituísse que tocasse percussão e harmonia. Como o Thiaguinho toca os dois, eu cha-

mava ele. Até hoje essa parceria existe e fazemos turnê de artistas como Caetano Veloso e Marisa Monte, a gente se divide, ajuda um ao outro.

THIAGO DA SERRINHA minha trajetória começa na Serrinha, onde sou nascido e ali em torno do samba. Na Império do Futuro e no Jongo da Serrinha. A minha base musical começa ali. Comecei a trabalhar com a Luciane Menezes e a partir dali fui pra MartNália, depois pro Hamilton de Hollanda em um outro contexto, de música instrumental. Comecei a ampliar minha visão, comecei a acompanhar a Zélia Duncan. Durante o trabalho com Hamilton fui dirigir a Leila Pinheiro em um trabalho. Depois, Simone Ivan Lins e hoje tenho a alegria de trabalhar com Caetano e Seu Jorge. Com Pretinho, desde cedo essa confiança já existia e paralelamente ao me desenvolver profissional, fui aprendendo e ganhando espaço também com o Pretinho.

RS: De onde partiu a ideia do podcast:

PRETINHO: Partiu no meio da pandemia. Naquele momento onde explodiram as lives, eu fiquei pensando em fazer lives com compositores. Ligava pra um, pra outro, via que era uma dificuldade e aquela história morreu. Agora, no meio da turnê do Caetano, o Thiaguinho chegou com essa ideia de fazer o podcast sobre compositores. Eu topei (mesmo se eu não topasse acho que ele seguiria fazendo). Como trabalho com muitos artistas e produções musicais, minha agenda é bem complicada. Precisamos escolher um dia que não batesse com dias de shows, começamos a levantar nomes de convidados, formataremos tudo. Mas na hora mesmo não tem roteiro, a gente traz o assunto, daqui a pouco vai pra música, da música volta pro assunto e o podcast vai se construindo.

"A ideia do podcast eu já tinha guardada. Durante a pandemia fiz vários cursos de marketing digital, me interessei em vários setores do marketing e a comecei a entender como funcionava o YT, páginas de redes sociais, algoritmos, etc. Pensei então transformar aquela ideia em podcast." (Thiago)

THIAGO DA SERRINHA: A ideia do podcast já vem de um tempo. O nome Versão do Autor já tenho guardado, eu queria fazer um projeto onde eu receberia artistas, compositores pra contar suas versões sobre a composição. A ideia original não era um podcast, Era um show, um local, uma apresentação. Durante a pandemia fiz vários cursos de marketing digital, me interessei em vários setores do marketing e a comecei a entender como funcionava o YT, páginas de redes sociais, algoritmos, tráfego de internet. Pensei então transformar aquela ideia em podcast. A realização se tornou possível agora, quando comecei a gravar meu disco. A Paula Lavigne e o Caetano liberaram o estúdio pra eu gravar e eu pensei que agora preciso colocar minha cara em circulação. E a internet é o melhor lugar. Pensei em fazer sozinho, consegui a casa da Tata, na Gávea. Resolvi convidar o Pretinho, já queria fazer algo com ele e ele topou e tem sido "maneirasso". E vem muita gente boa por aí!

RS: Vocês são artistas de muita visibilidade e trânsito entre mídias e grandes artistas. Por quê escolheram o podcast pra se comunicar?

PRETINHO: No meu caso, eu escolhi falar nesse lugar do podcast porque a composição é livre, o compositor é livre, precisamos de um lugar onde possamos falar tudo, é um lugar onde se é livre pra contar a real história da música. O convidado se sente livre pra falar, se expressar, contar histórias que muitas vezes não se pode falar como na TV, algumas rádios. Ali nossos padrões somos nós mesmos. Acontece do jeito que a gente quer. Convidamos amigos compositores.

RS: Thiaguinho, como é seu processo de composição? Como acredita que o podcast pode ajudar a revelar compositores?

THIAGO DA SERRINHA: Meu processo criativo se dá de diversas maneiras-fazendo letra, melodia, fazendo partes, parcerias. Estou completando 20 anos de carreira. E venho compondo ao longo des-

*" Ali nossos padrões
somos nós mesmos.
Acontece do jeito
que a gente quer.
Convidamos amigos
compositores"
(Pretinho)*

se tempo, considerando que mudava a forma de compor de acordo com cada projeto que estava vivenciando. No início acompanhava a Luciane Menezes tocando jongo, maracatu, ciranda, côco, então as músicas tinham mais temas afros, boi, afoxés, que era o que estava no meu imaginário. Quando fui tocar com a Mart'Nália, mergulhei mais no samba, a composição foi pro samba mais tradicional. Ela me apresentou a obra do Djavan. Eu aprendi a tocar violão com o song book do Djavan. Através daqueles acordes harmônicos voltados pro sambajazz, minha composição foi pra essa linha. Vários desses sambas eu acabei de gravar. No início era muito espirrando o lampejo de inspiração. Depois que conheci os compositores profissionais, fui entendendo as outras maneiras de compor, fazendo parcerias, trazendo uma letra ou uma melodia, o processo foi se ampliando. E o podcast pode ajudar a revelar compositores porque eles têm espaço ali pra contar suas histórias e seus processos criativos.. Mauro

*"Uma história que se repete muito lá é falar de alguns nomes relevantes, como Arlindo Cruz, por exemplo. Já estamos no 14º episódio e o Arlindo foi falado em todos".
(Pretinho)*

diniz contando como foi feito MADUREIRA, Moyseis Marques contando como fez POETA É OUTRO LANCE, Arlindinho contando sobre FILHO MEU... cada um fala de como aprendeu a compor, como o compositor dentro de cada convidado, nasceu. Ir atrás do artista, não desistir, novas formas de fazer a música chegar.

RS: Uma história interessante desse processo do podcast:

PRETINHO: Uma história que se repete muito lá é falar de alguns nomes relevantes, como Arlindo Cruz, por exemplo. Já estamos no 14º episódio e o Arlindo foi falado em todos. Todos que lá estiveram ou passam por uma canção dele, alguma influência, falam dele. Outra pessoa é o Rodrigo Maranhão, que também foi professor na Serrinha e como eu e Thiago somos de lá, sempre acaba surgindo o nome dele na conversa. Tia Ira também é muito falada no podcast. Tia Ira era uma reza-deira, como uma mãe. Foi da fundação da primeira escola mirim, ficávamos sempre pela casa dela quando pequenos, a gente ia lá comer um macarrão...quem conhece a Serrinha, sempre chega no nome dela.

RS: Como se dá a inserção da história e cultura do morro da Serrinha no VdA?

THIAGO DA SERRINHA: o tempo todo a gente traz a Serrinha. Tia Ira, Jongo, Império Serrano, butiquim do Império...nossa base (minha e do Pretinho) veio de lá. Um episódio, em especial, trouxemos Hamilton Fofão (sobrinho-neto de Silas de Oliveira) e Zé Luiz do Império (compositor da velha guarda do Império, com música imortais como TODO MENINO É UM REI, TEMPO Ê). Duas gerações bem distantes uma da outra, mas é a história seguindo adiante, preservando a história da Serrinha. Todos que chegam em algum momento querem

homenagear a Serrinha, o Império Serrano. Falamos também de quem está chegando, como Badeco, Pedrinho da Serrinha. Falamos dos projetos sociais de lá pra que as pessoas também possam conhecer de onde a gente vem.

RS: Qual questão mais relevante têm aparecido?

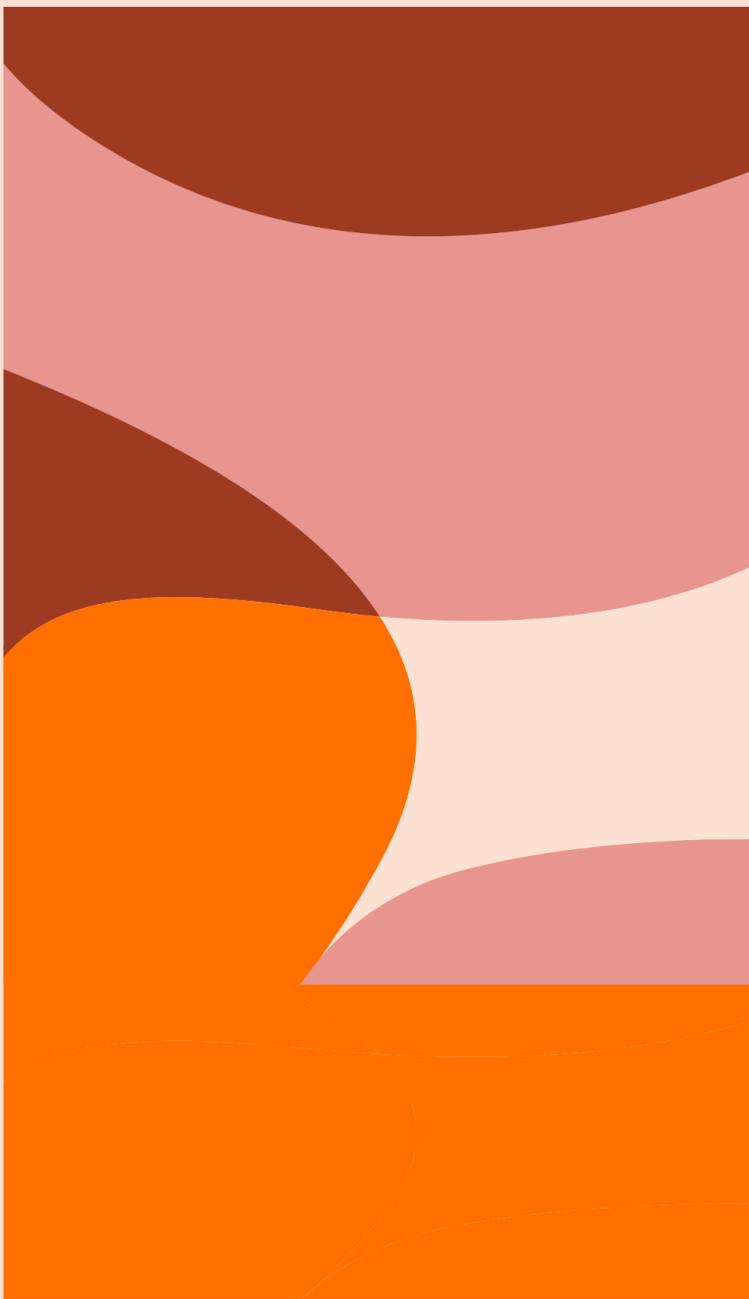
PRETINHO: Não levantamos muitas questões mais sérias. O objetivo é ser leve e divertido, descontraído. Mas acho que o ponto crucial é o prazer de se poder cantar algo que se compôs ontem e pode chegar ali e cantar hoje. E todos ouvem, cantam aquela canção como se já fosse um sucesso seu. Pois muitas vezes não conseguimos cantar tudo o que a gente faz nos shows. Muitas vezes a seu fã, que compra o ingresso pra te assistir, passa a semana ouvindo suas músicas e chega no show e quer ouvir aquela canção e você não canta e frustrante. Já se você chega com várias inéditas, ninguém gosta do teu show. Então, o espaço do podcast é pra isso, as pessoas que estão lá, prestam uma atenção in-

crível, aplaudem, se emocionam. É poder mostrar uma música como um sucesso e receber esse carinho e essa atenção.

RS: Uma opinião sobre o espaço que se dá ao compositor e quais as consequências desse espaço?

THIAGO DA SERRINHA: tenho duas linhas de pensamento. A primeira é que, quando a gente olha pra década de 60, 70, 80 (vinil era dominante), era mais fácil saber quem eram os compositores. Você chegava na loja de disco, os nomes apareciam logo na contracapa. As pessoas falavam. Os compositores, ao menos no meio do samba havia muita gente engajada nos encontros, a internet mudou muito isso. As pessoas se encontravam, o samba tinha outros quintais, Clube do samba, Cacique de Ramos...eu não sei se era o momento mas as pessoas tinham um lugar pra se encontrar, se inspirar, fazer música, se conectar, aprender. Imagina chegar numa roda do Cacique e encontrar um Arlindo novinho com Sombrinha, Jorge Aragão criando ali, na sua frente. Se você tinha algum talento pra compor, sem dúvida, ia ser aguçado

● PODER DA CRIAÇÃO



naquele momento. A forma como as mídias foram mudando, foram apagando a figura do compositor. Em relação aos encontros, a internet mudou o modo de se relacionar e de compor.

Outro caminho de se pensar, fazendo relação com o primeiro pensamento, muitas vezes parceiros ficavam famosos, pois emplacaram um sucesso e gravavam discos delas também, como Wilson Moreira e Nei Lopes, Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho, Romildo e Tuninho Nascimento, Elizeth Cardoso. Vai entrando pra era do CD tem Arlindo Cruz e Sombrinha, vai virando uma marca. Os artistas falavam mais. Com a mudança das mídias apagou a autoria. As plataformas foram construídas

de modo a dificultar chegar a esse compositor, há uma fricção, clicar várias vezes pra chegar nessa informação, nos créditos. Há uma grande discussão sobre subir o encarte todo, com todos que participaram no projeto (quem compôs, produziu, tocou, etc). Isso me incomoda um pouco. A forma como se apresenta na plataforma já mostra essa tendência fast.

Antes havia uma tradição de criação para certos meios e presença midiática. Se o compositor não for pra pista defender seu trabalho, ninguém vai descobrir. No podcast o objetivo também é revelar, mostrar pras pessoas quem é que compôs aquela canção que você fica lá, cantando no chuveiro. ●

Entrevista por Renata Jambeiro

O Encontro Nacional e Internacional de MULHERES NA RODA DE SAMBA



Um pouco sobre o processo de construção do maior encontro de mulheres na roda de samba do mundo.

Neste primeiro artigo escrito para a revista do Samba será apresentado o processo de construção do Encontro Nacional e Internacional de Mulheres na Roda de Samba, um movimento que após 5 anos, se tornaria o maior movimento em rede de concentração de mulheres fazedoras de samba no mundo.

Eu me chamo Camille Siston, sou jornalista, produtora cultural e pesquisadora. Fiz minha dissertação de mestrado na Universidade Federal Fluminense -UFF e me tornei mestra em Cultura e Territorialidades com a pesquisa que fala da invisibilidade da mulher no samba, e meu objeto de pesquisa não poderia ser outro, senão o próprio movimento que havia acabado de surgir. Hoje sou doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, e minha tese é sobre o samba como rizoma em suas heterotopias.

O Encontro Nacional e Internacional de Mulheres na Roda de Samba nasceu de uma iniciativa da cantora Dorina com a proposta de evidenciar as mulheres que fazem samba, abrangendo no evento mulheres, apontando os diferentes setores que elas ocupam no samba, reunindo cantoras, instrumentistas, djs, operadoras de som, técnicas, fotógrafas, seguranças, até massagistas. O primeiro ano (Ano Beth Carvalho) aconteceu no dia 24 de novembro de 2018, reunindo 10 estados brasileiros e um país internacional, somando 14 cidades.

Minha pesquisa de mestrado iniciou em 2019. Tudo era novidade, a Camille pesquisadora e o Encontro Nacional e Internacional de Mulheres na Roda de Samba, e estar na organização me proporcionou aprender sobre tensões relacionadas a um coletivo de mulheres e também me colocou em um lugar privilegiado, onde eu poderia vivenciar a experiência única de ter aces-





so às informações e tensões que só quem está dentro do projeto consegue visualizar. Além disso, também me proporcionou estar com pessoas extremamente importantes para o samba e é justamente a partir desta relação que a pesquisa ganha forma.

O evento que acontece anualmente, todo ano, é dedicado a uma cantora (viva) que representa o samba, e o ano é intitulado pelo nome da homenageada. O segundo ano (Ano Leci Brandão) aconteceu em 9 de novembro de 2019 e teve a presença de 19 estados e três países, somando 28 cidades ao todo. A terceira edição (Ano Elza Soares) somou 20 estados, 5 países, totalizando 32 cidades; e a quarta edição (Ano Alcione), que aconteceu no dia 11 de dezembro de 2021, encerrou a inscrição com 20 estados, oito países, somando 37 cidades.

Em 2022, a quinta edição (Ano Tia Surica), aconteceu no dia 10 de dezembro de 2022 e reuniu 17 estados, somando 22 cidades no Brasil, sete países, totalizando 28 cidades no mundo.

Esta rede que cresce e se consolida a cada ano é coordenada por mim, com super-

visão da idealizadora do projeto. Nesses cinco anos, temos um mapeamento de 41 cidades, divididas em três continentes, que possuem grupos de mulheres fazendo samba, concentrando uma média de 1.500 mulheres. Para chegar a este resultado, eu utilizei a própria dinâmica do trabalho de produção do Encontro para catalogar dados para a pesquisa e aos poucos estamos catalogando um cadastro de profissionais através do site www.mulheresnarodadesamba.com.br

Além da pesquisa etnográfica, minha pesquisa abre diálogo com diversas tensões que envolvem a temática de gênero, como estudos que envolvem memória, performance, culturas populares e samba, muito samba. Que tal continuarmos essa conversa na próxima edição, falando de Tia Ciata e das Tias baianas, contando sobre o surgimento do samba?

Ah! Este ano o Encontro já tem data marcada. A sexta edição será dia 25 de novembro e breve iremos divulgar as informações de cada cidade e dizer quem será a homenageada. Enquanto isso segue nossa rede @mulheresnarodadesamba. Até a próxima!

SAMBA, RITMO DA RESISTÊNCIA

NILCEMAR NOGUEIRA

Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e mestra em Bens Culturais e Projetos Sociais pela Fundação Getúlio Vargas. Coordenou a pesquisa de reconhecimento do samba carioca como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Atualmente é a diretora do Museu do Samba do Rio de Janeiro.

**BUM, BUM PATICUMBUM,
PRUGURUNDUM**

**O NOSSO SAMBA MINHA
GENTE É ISSO AÍ, É ISSO AÍ**

**BUM, BUM PATICUMBUM,
PRUGURUNDUM**

**CONTAGIANDO
A MARQUÊS DE SAPUCAÍ**

(Aluísio Machado / Beto Sem Braço)

O batuque do samba fortalece em nós a ancestralidade africana que pulsa nas veias do povo brasileiro. Os elementos que definem o samba como forma de expressão cultural, evidenciam a perpetuação das tradições afro-brasileiras, reforçando a importância da contribuição negra para a formação do nosso patrimônio imaterial.

As Matrizes do Samba do Rio de Janeiro foram registradas em outubro de 2007 como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artís-

tico Nacional (IPHAN), uma iniciativa do Centro Cultural Cartola, hoje Museu do Samba, que desde então busca salvaguardar este bem cultural.

O fato de a música negra ter atravessado o Atlântico foi um acontecimento da maior importância para a manutenção e sobrevivência do conjunto de práticas entendidas como cultura negra nas Américas. A diáspora de mais de quatro milhões de africanos escravizados deixou marcas profundas, destruindo laços comunitários, enfraquecendo identidades. No caso do Bra-

sil, a música rítmica, inseparável da dança, teve um papel preponderante no contexto de resistência à tentativa de “apagamento cultural” que os negros e as negras foram submetidos desde o período da escravidão.

No processo de colonização do Brasil, a tentativa de impor, à sociedade em formação, uma cultura hegemônica eurocêntrica, causou espoliação e estigma, marginalizou a memória ancestral africana. Mas os diálogos culturais travados entre diferentes povos que habitavam o Brasil resultaram em resultados musicais fabulosos, em vários sotaques do samba.

No início dos anos de 1900, a reforma urbanística da cidade do Rio de Janeiro, instituída pelo prefeito Pereira Passos, entre 1903-1906, conhecida popularmente como “Bota-Abaixo”, é outro marco de opressão de exclusão a que foi submetida a população negra; atendia claramente a interesses da elite, sendo um marco na divisão de classes, posto que forçou a migração do segmento pobre da população para longe do centro da cidade, sem que houvesse qualquer programa de remoção (MOURA, 1983). O projeto urbanístico destruiu velhas construções, mas não destruiu os afetos, cabendo às favelas e ao subúrbio operarem, a par da carência material, como voz da resistência e das forças de transformação. Foi justamente nesses redutos que surgiu uma forte organização social, onde se desenvolveu um dos maiores núcleos social e comunitário: a escola de samba.

Organizadas de forma simples e com raiz, na sua maioria oriundas dos blocos, esse movimento social foi crescendo, descendo o morro e ocupando a cidade.

Ao se pensar a cena do samba carioca, logo vêm ao pensamento os segmentos responsáveis pela sua prática (música, canto, rit-

"O fato de a música negra ter atravessado o Atlântico foi um acontecimento da maior importância para a manutenção e sobrevivência do conjunto de práticas entendidas como cultura negra nas Américas"

mo e dança) e os líderes que conduziam os grupos e asseguravam a manutenção das tradições. As escolas de Samba no Rio de Janeiro, foram assumindo gradativamente a condição de símbolo da nacionalidade, um instrumento de afirmação social, que por meio de sua prática social, venceu a invisibilidade, onde muitos de seus membros conquistaram cidadania e consciência de valor.

Os últimos anos tem sido de relevantes modificações em nossa sociedade que era até pouco atrás marcada pela ideia de democracia racial. Após os anos 2000 emergiram movimentos sociais negros clamando pelo direito à memória de seu povo e à reescrita

"O projeto urbanístico destruiu velhas construções, mas não destruiu os afetos, cabendo às favelas e ao subúrbio operarem, a par da carência material, como voz da resistência e das forças de transformação"

da história do Brasil, reivindicando protagonismo social, fato refletido no aumento de temas de matriz africana nos enredos dos desfiles das Escolas de Samba. Mas se por um lado o samba foi criando o maior espetáculo do mundo a céu aberto, o desfile das escolas de samba, na mesma proporção suas bases sociais foram perdendo autonomia nos seus redutos, sem nenhuma escuta junto aos novos dirigentes das escolas de samba. Se antes, por excelência, eram espaços de socialização dos sambistas, foi aos poucos afastando seus legítimos representantes que começaram a ter suas memórias apagadas, suas vozes enfraquecidas. O depoimento do sambista Tantinho é bastante ilustrativo do processo.

O que motivou essa decaída do samba foram os próprios diretores das escolas. Começou a chegar gente que nunca teve nada com o samba, o cara que nunca viu samba, chega mandando, aproveita que é um local de pessoas humildes, pessoas nem tão esclarecidas e aí o cara toma conta. Paga uma, duas cervejas, vai chegando, vai chegando, quando você vê, o cara tomou a escola.

É na esteira dessa luta que o Museu do Samba, atua com uma grande responsabilidade social considerando o processo de salvaguarda das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro, onde fica evidenciado que para além do reconhecimento oficial de um bem cultural por parte do governo; é preciso: a reafirmação do sujeito sambista pelo ganho simbólico com o título de patrimônio imaterial e como forma de assegurar direitos básicos, desenvolvimento, protagonismo e inclusão social e garantir seus espaços de prática e transmissão.

O foco do trabalho no Museu do Samba é importante porque não busca apenas manter a memória das tradições do samba, mas também problematizar a condição do sambista tradicional, diante da sua posição recente como representante de um bem cultural patrimonializado e, ao mesmo tempo, cercado por relações de poder que envolvem diversas instituições, incluindo o governo e escolas de samba.

Com gestão independente, a instituição constitui-se, fundamentalmente, em um lugar de memória das matrizes do samba.

Considerando-se que a constituição da identidade negra, como de qualquer outra identidade (independente da “classificação”), se faz por um conjunto de fatores – preservação da memória, sentimento de pertença a um grupo, identificação com a cultura produzida – que ainda está em

"É preciso: a reafirmação do sujeito sambista pelo ganho simbólico com o título de patrimônio imaterial e como forma de assegurar direitos básicos, desenvolvimento, protagonismo e inclusão social e garantir seus espaços de prática e transmissão".

movimento, pode-se afirmar que se trata, por um lado, de um processo não homogêneo, incompleto sempre (vir a ser), sofrido, já que de margem, e, por outro lado, de luta contínua por estratégias de sobrevivência, que vão desde as reuniões furtivas nas senzalas, passando pelo silêncio da não exposição e pelo grito do desconforto, perseguições, até pela conquista de direitos, de força política, de ocupação de espaços públicos de prestígio, da possibilidade de garantir a diferença, de poder resistir às pressões do mercado, não bastando ser hoje considerado patrimônio cultural brasileiro.

Atualmente, observa-se o renascimento dos movimentos das rodas de samba, fundada na alegria e no prazer de viver plenamente o corpo e a alma de forma lírica, sem hierarquia, livremente. E ainda há de se pensar na valorização do patrimônio cultural simbólico dos construtores da arte carnavalesca que passa emoldurando a cena, trabalho de meses de grandes artistas, escultores, pintores, costureiras, para uma rápida aparição, arte efêmera. Assim como a maioria dos sambistas, também continuam lutando para ter reconhecido o seu valor enquanto guardiões da principal referência cultural do nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. – *O samba carioca e o legado da última geração de africanos escravizados do sudeste. Samba em Revista. Rio de Janeiro: Centro Cultural Cartola, ano 6o., no. 5, ago/2004.*

ANDERSON, Benedict. – *Comunidades imaginadas. São Paulo: Cia das Letras, 2008.*

ANDRADE, Melissa M. de Freitas. – *Negritude em rede: discursos de identidade, conhecimento e militância. (Mestrado em Educação). São Paulo: USP, 2012.*

AYALA, M.; AYALA, M. I. – *Cultura popular no Brasil. São Paulo: Ática, 1987.*

ARANTES, Antônio Augusto. – *Patrimônio imaterial e referências culturais. In: Tempo brasileiro: patrimônio imaterial, Out-Dez, nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.*

ARAÚJO, Hiram. – *Carnaval: seis milênios de história. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.*

_____. – *Decreto lei nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Cul-*

***EU SOU O SAMBA
A VOZ DO MORRO SOU EU
MESMO SIM SENHOR
QUERO MOSTRAR AO
MUNDO QUE TENHO
VALOR***

***EU SOU O REI DO
TERREIRO***

***EU SOU O SAMBA
SOU NATURAL DAQUI DO
RIO DE JANEIRO***

***SOU EU QUEM LEVO
A ALEGRIA PARA
MILHÕES DE CORAÇÕES
BRASILEIROS***

(Zé Keti)

turais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm>. Acesso em: 09/02/2013.

_____. – Matrizes do samba. Ministério da Cultura. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3962>>. Acesso em 6 de março de 2015.

CARVALHO, Ana. – Os museus e o patrimônio cultural imaterial: estratégias para o desenvolvimento de boas práticas. Lisboa: Edições Colibri; CIDEHUS-Universidade de Évora, 2011.

CASTRO, Mauricio Barros de. – Zicartola: política e samba na casa de Cartola e Dona Zica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

HALL, Stuart. – Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (Orgs.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. – Da diáspora: identidades e mediações culturais. SOVIK, L. (Org.). Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. – Que “negro” é esse na cultura popular negra? In: Da diáspora: identidades e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HEINICH, Nathalie. – La fabrique du patrimoine. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l’homme (coll. Ethnologie de la France, 31), 2009.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). – A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Lopes, Nei (1981), O samba na realidade. Rio de Janeiro: Codecri.

Lopes, Nei (1992), O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical. Rio de Janeiro: Pallas.

Lopes, Nei (2015), “As origens africanas do samba”, Samba em Revista, 7(6), 22-28.

LOPES, Nei & SIMAS, Luiz Antonio. Dicionário da História Social do Samba. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MOURA, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983

Nogueira, Nilcemar (2015), “O Centro Cultural Cartola e o processo de patrimonialização do samba carioca”. Tese de Doutorado em Psicologia Social apresentada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

IPHAN. Dossiê das matrizes do samba no Rio de Janeiro. (2006). Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3962>>. Acesso em: maio/2023.

NOGUEIRA, Nilcemar. – De dentro da cartola: a poética de Angenor de Oliveira. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (RJ), 2005.

UNESCO. – Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Paris: 17 de outubro de 2003.

NOS VEMOS NA PRÓXIMA EDIÇÃO!

Acesse:

mpumalanga.com.br/revistadosamba
[@revistadosamba](https://www.instagram.com/revistadosamba)

Contato:

rds@mpumalanga.com.br